

**ENTRE VÍTIMAS E AUTORES: SAÚDE DO HOMEM, VIOLÊNCIA LETAL
INTENCIONAL E FUTUROS POSSÍVEIS DA SEGURANÇA PÚBLICA ¹****BETWEEN VICTIMS AND PERPETRATORS: MEN'S HEALTH, INTENTIONAL
LETHAL VIOLENCE AND POSSIBLE FUTURES FOR PUBLIC SAFETY****ENTRE VÍCTIMAS Y AUTORES: SALUD DEL HOMBRE, VIOLENCIA LETAL
INTENCIONAL Y FUTUROS POSIBLES DE LA SEGURIDAD PÚBLICA****Wagner Soares de Lima ²****1. Introdução**

A violência letal intencional é um fenômeno que combina desigualdades históricas, vulnerabilidades sociais e construções culturais em torno da masculinidade. Em escala global, 81% das vítimas de homicídios em 2021 foram homens, segundo o UNODC. No Brasil, em 2023, dos 38.595 homicídios dolosos, 88% tiveram homens como vítimas (UNODC, 2022; FBSP, 2024). Esses números expressam uma dualidade inescapável: homens morrem mais e, ao mesmo tempo, matam mais.

¹ Resumo apresentado ao GT Segurança Pública, Criminalidade e Políticas de Prevenção, no VI Congresso Internacional DHJUS – Futuros Possíveis. Programa de Doutorado e Mestrado Profissional Interdisciplinar em Direitos Humanos e Desenvolvimento da Justiça.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Administração da UFPR. Integrante do Grupo de Pesquisa “Estratégia: processos, práticas e decisão” (UFPR). Mestre em Ecologia Humana (UNEB). Especialista em Gestão Pública (UFAL), em Economia e Gestão do Agronegócio (Unifoz) e em Neuropsicologia (Unifoz). Graduado em Administração (UFAL) e em Segurança Pública. Professor de Administração no Instituto Federal de Rondônia (IFRO), Campus Porto Velho - Calama, onde leciona Administração Empreendedora. Formação complementar em Saúde Pública, Práticas Integrativas e Complementares em Saúde e Psicanálise. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9551866737323674> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6488-3189>

A questão, contudo, não pode ser reduzida a determinismos biológicos ou visões simplistas. Trata-se de compreender a violência masculina como um fenômeno ecobiopsicossocial, em que dimensões biológicas e evolutivas, psicanalíticas e simbólicas, históricas e culturais, institucionais e políticas se entrelaçam. É preciso enxergar que todo homem agressor foi, antes, um menino marcado pela violência intergeracional e pela hipermasculinização, forçado a assumir um ethos guerreiro sem alternativas de contenção ou sublimação (ZALUAR, 1999; HOLLIS, 1994).

O objetivo deste trabalho é analisar essa tensão entre homens em risco e homens que põem em risco, apontando a saúde do homem como chave estratégica para a prevenção da violência letal e para a construção de futuros possíveis da segurança pública.

2. Desenvolvimento

2.1. Masculinidades e vulnerabilidades

A socialização masculina tradicional valoriza competitividade, força e dominação. Esses padrões, reforçados por ausências paternas e estruturas familiares frágeis, expõem meninos a uma trajetória de vulnerabilidades. Todo homem agressor foi, antes disso, um menino atravessado pela violência intergeracional e pela hipermasculinização (ZALUAR, 1999; HOLLIS, 1994). Minayo (2005) observa que os homens estão sobressalentes em quase todos os indicadores de violência, e estudos correlatos reforçam essa tendência: os homens são maioria entre usuários de drogas (MINAYO; DESLANDES, 1998), entre os casos de suicídio (MINAYO; SOUZA, 2003) e apresentam desvantagens em quase todas as causas específicas de mortalidade (LAURENTI, 1998).

Além disso, a violência se associa à necessidade de reconhecimento perante outros homens, fenômeno que Kimmel (1998) relaciona à “cultura da honra”, sustentada por evidências empíricas de Nisbett e Cohen (1996). Assim, as

vulnerabilidades masculinas podem ser compreendidas em diferentes camadas analíticas que se interpenetram: uma camada biológica e evolutiva, ligada a instintos territoriais e competitivos herdados; uma camada psicológica e simbólica, que envolve repressões emocionais e mecanismos inconscientes; uma camada histórica e social, marcada pela latinidade e pela sociedade mestiça não pacificada; e, por fim, uma camada institucional, onde práticas militares, policiais e criminosas reforçam ethos bélicos e de pertencimento.

2.2. Camada biológica e psicanalítica

A psicologia evolutiva destaca a “Hipótese do Guerreiro Masculino”: pressões seletivas favoreceram a territorialidade agressiva, a defesa da fêmea e o confronto físico por status reprodutivo (VAN VUGT, 2012). Hoje, muitos homens canalizam essas tendências em disputas de poder, controle de territórios (facções, milícias), ciúmes possessivos e exibições de virilidade. Estudos sobre neurobiologia da testosterona e da dopamina também associam impulsividade e busca por risco à vulnerabilidade masculina em contextos violentos (ARCHER, 2006).

Na perspectiva psicanalítica, Freud (1932) ressaltou que o Direito moderno nasceu da imposição da violência, sendo a civilização apenas uma contenção das pulsões instintuais. Hollis (1994) mostrou que, quando a ferida masculina não encontra tratamento simbólico, ela se converte em compulsões autodestrutivas. A adição, assim, pode ser lida como válvula de escape psicoemocional, usada para preencher lacunas afetivas.

É importante reconhecer que tais características impulsivas foram, por milênios, desejadas e necessárias para a sobrevivência coletiva. Hoje, entretanto, persistem como fatores de risco. O desafio contemporâneo é ressignificar qualidades outrora valorizadas, mas agora diante de novas demandas sociais.

2.3. Dinâmicas socioecológicas da violência

A violência masculina pode ser compreendida a partir de uma modelagem socioecológica, em que múltiplas pressões interagem. A primeira dinâmica é a da economia oculta, onde o tráfico de drogas e as facções se tornam espaços de iniciação viril, ascensão econômica e pertencimento, transformando armas em extensão do corpo e do ego. A segunda é o ciclo policiais-criminosos, no qual tanto instituições estatais quanto paraestatais compartilham ethos bélicos e ausência de contenção simbólica. A terceira são os aspectos culturais, em que a latinidade e a virilidade opulenta reforçam a exibição da força. Por fim, a quarta dinâmica abarca outras violências, como escolhas racionais descritas pela teoria econômica do crime (BECKER, 1968), mas que respondem por parcela marginal.

Sapori (2020) mostra que o tráfico responde sozinho por cerca de 25% dos homicídios e chega a explicar até 50% dos casos investigados. Fora desse contexto, mulheres aparecem mais frequentemente como autoras, indicando que a criminalidade letal é marcada por gênero.

2.4. Pertencimento, instituições e cultura

Ambientes policiais e militares compartilham ethos de pertencimento semelhante ao das facções: hierarquia rígida, solidariedade masculina e naturalização da violência. A diferença está na legitimidade: enquanto uns são validados pelo Estado, outros se organizam como poderes paralelos. Ambos, contudo, reforçam a masculinidade bélica e a disposição ao risco.

Em situações de ausência paterna, meninos encontram “mentores de rua”: líderes de gangue, traficantes, padrastos violentos ou influenciadores digitais agressivos. Essa alienação parental e a ausência de contenção simbólica dificultam a adaptação cultural a novas demandas sociais. Assim, jovens periféricos encenam com seus corpos as guerras não resolvidas pela mestiçagem violenta da América Latina, uma verdadeira guerra civil silenciosa, que explica os índices elevados de

violência criminal em comparação a regiões do mundo onde os conflitos se expressam em guerras étnicas declaradas (HOLLANDA, 2017).

2.5. Saúde do homem e impactos na saúde pública

A negligência com a saúde masculina agrava o ciclo da violência. Homens vivem, em média, sete anos a menos que mulheres no Brasil e apresentam maiores taxas de suicídio (OMS, 2024). Pesquisa de Schraiber et al. (2012) em serviços de atenção primária mostrou que masculinidades tradicionais influenciam negativamente a procura por cuidado, reforçando comportamentos de risco.

A violência intencional responde por parte expressiva de internações hospitalares e custos com saúde pública. A prevenção deve ser integrada: saúde mental, redução de danos, atenção primária e promoção de novas masculinidades. Não se trata apenas de reconhecer que os homens morrem mais, mas que os jovens aprendem a sofrer em silêncio e, quando rompem esse silêncio, transformam a morte em um grito fulminante que arrasta consigo mulheres, crianças e idosos, numa espiral trágica de visibilidade tardia.

3. Considerações Finais

A violência masculina responde pela esmagadora maioria dos crimes violentos em diferentes sociedades, compondo cerca de 90% dos homicídios e mais de 95% dos encarcerados (UNODC, 2022; WPB, 2025). É um fenômeno multifacetado que atravessa instintos evolutivos, repressões psíquicas, construções culturais e instituições bélicas. Não pode ser enfrentado apenas pelo sistema penal.

O futuro da segurança pública exige políticas intersetoriais e interdisciplinares, que integrem saúde, educação, cultura e esporte. Reconhecer que homens em risco são também homens que põem em risco abre a possibilidade de transformar trajetórias. Como lembra Hollis (1994), cada homem carrega o peso

de sua ferida, mas também a possibilidade de ressignificá-la: “é no confronto com a sombra que se encontra a chance de tornar o peso em vida plena”.

Palavras-chave: masculinidades; saúde do homem; violência letal intencional; segurança pública; futuros possíveis

4. Referências

- ARCHER, John. Testosterone and human aggression: an evaluation of the challenge hypothesis. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, v.30, n.3, p.319-345, 2006.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023: informação e documentação – referências – elaboração**. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520: informação e documentação – citações em documentos**. Rio de Janeiro: ABNT, 2023.
- BECKER, Gary. **Crime and Punishment: An Economic Approach**. *Journal of Political Economy*, v.76, n.2, p.169–217, 1968.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1932.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017.
- HOLLIS, James. **Under Saturn’s Shadow: The Wounding and Healing of Men**. Toronto: Inner City Books, 1994.
- KIMMEL, Michael. **Manhood in America: A Cultural History**. New York: Free Press, 1998.
- LAURENTI, Ruy. **Mortalidade masculina no Brasil**. *Revista de Saúde Pública*, v.32, n.4, p. 321-330, 1998.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Laços perigosos entre machismo e violência**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.10, n.1, p. 23-26, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000100005>
- MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. **Homens e drogas: vulnerabilidades sociais e saúde pública**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.3, n.1, p. 43-56, 1998.
- MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R. **Suicídio entre homens no Brasil**. *Cadernos de Saúde Pública*, v.19, n.2, p. 331-339, 2003.
- NISBETT, Richard; COHEN, Dov. **Culture of Honor: The Psychology of Violence in the South**. Boulder: Westview Press, 1996.
- SAPORI, Luís Flávio. **Mercado das Drogas Ilícitas e Homicídios no Brasil: um estudo comparativo das cidades de Belo Horizonte (MG) e Maceió (AL)**.



VI CONGRESSO INTERNACIONAL DHJUS
FUTUROS POSSÍVEIS

Dados, v.63, n.4, p. 1-35, 2020. DOI:
<https://doi.org/10.1590/dados.2020.63.4.223>

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME (UNODC). **Global Study on Homicide 2022**. Vienna: UNODC, 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **World health statistics 2024: monitoring health for the SDGs**. Geneva: WHO, 2024.

WORLD PRISON BRIEF. **Brazil**. Disponível em:
<https://www.prisonstudies.org/country/brazil>. Acesso em: 28 set. 2025.

SCHRAIBER, Lília Blima; GOMES, Romeu; COUTO, Márcia Thereza; PINHEIRO, Thiago F. **Homens, masculinidade e violência: estudo em serviços de atenção primária à saúde**. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v.15, n.4, p.790-803, 2012.